

da'

mo bom quando comparado ao de outras capitais brasileira. E a violência, acho, ainda é menor.

JC - Como é o teu expediente literário? Que horas gostas mais de escrever? Quantas horas dedicas por dia de produção?

Cazarré - Durante muitos anos, me retorcendo entre dois ou três empregos, escrevia quando dava. Ou seja, nas madrugadas e nos finais de semana. Mais tarde, no final dos anos 1980, conseguia escrever só pela manhã: quatro ou cinco horas. Hoje, enfrento dois expedientes, de duas horas cada: uma pela manhã e outra pela tarde.

JC - Próximos passos: já tens novos livros encaminhados?

Cazarré - Tenho sempre vários trabalhos em andamento. De repente, entro num deles e vou até o fim. Se não conseguir ir até o final, passo a outro. Há livros que escrevi em sete, dez anos. Nos últimos anos venho beliscando, inclusive, até mesmo na poesia. *Simeão Boa Morte* tem como subtítulo: *E outros contos poéticos*. Mas, de vez em quando, reviso livros que escrevi há 20 ou 30 anos. Eu sou o patrão mais bruto que tive em toda vida. Ele (eu, meu feitor) me força a trabalhar mesmo nos sábados, domingos e feriados.

ACERVO PESSOAL LOURENÇO CAZARRÉ/REPRODUÇÃO/JC



a, em registro fotográfico de 1981



Biblioteca Pelotense, marco arquitetônico de Pelotas, é um símbolo da sólida tradição literária do município

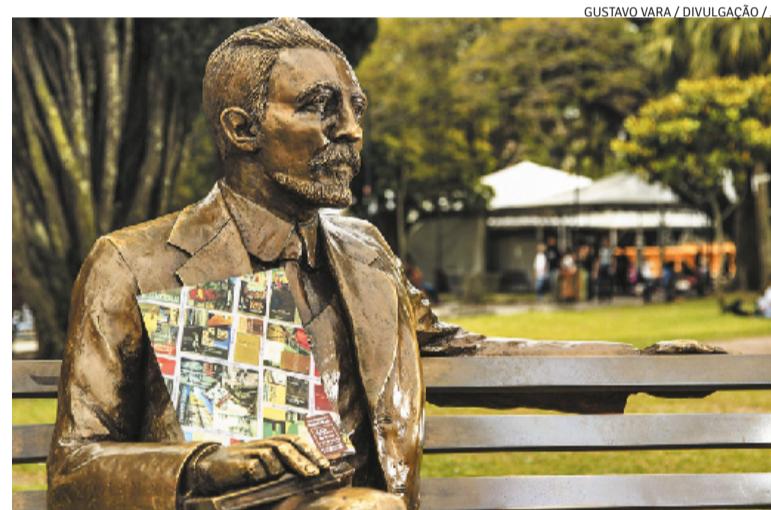
Atenas Riograndense

Escritores de vulto vindos de Pelotas não nos faltam. O mais conhecido é João Simões Lopes Neto (1865-1916), contista e jornalista. Outro com fama é o poeta Francisco Lobo da Costa, expoente do romantismo gaúcho no Rio Grande do Sul. E, é claro, outros tantos autores de ficção merecem atenção. Aldyr Garcia Schlee, Valter Sobreiro Junior, Vitor Ramil, Alcy Cheuiche e Angélica Freitas são apenas alguns deles.

Segundo Ayrton Centeno, 77 anos, jornalista, escritor e estudioso da cultura pelotense, a cidade ganhou o nome de Atenas Riograndense por valorizar literatura, bibliotecas, jornalismo, teatro, universidades e fomentar a máxima de que a arte precisa ser popular, como acontecia na Grécia antiga. Na verdade, a Atenas Riograndense se estende, com naturalidade, para um pouco além das fronteiras pelotenses. Schlee é de Jaguarão; Sobreiro, de Rio Grande. Os dois últimos, mais o Vitor e um tanto a Angélica, construíram sua obra em Pelotas, enquanto os demais exploraram outros ambientes.

Para Centeno, o grande nome é Schlee (1934-2018), um daqueles talentos múltiplos renascentistas: jornalista, professor de Direito Internacional Público na UFPel, pró-reitor, designer que desenhou a camiseta canarinho da Seleção Brasileira de futebol, criador de jornais, dicionarista, tradutor, chargista. Publicou mais de 15 livros, tendo como seu universo literário, principalmente, a fronteira do Rio Grande com o Uruguai.

Valter Sobreiro Junior, 84 anos, construiu sua obra em Pelotas como cenógrafo, dramaturgo



Nome máximo das letras pelotenses, João Simões Lopes Neto virou estátua

e diretor. Por sua vez, Vitor Ramil talvez seja o nome mais respeitado nacionalmente da MPG, a música popular gaúcha. Em paralelo, desenvolve uma carreira literária, com ensaios e ficções.

Angélica Freitas, 52 anos, foi publicada (2006) primeiro na Argentina, em uma coletânea de jovens poetas. Alcy Cheuiche, 85, saiu de Pelotas aos quatro anos, seguindo para o Alegrete e depois para Porto Alegre, onde cursou veterinária na Ufrgs. Sua praia são os romances históricos, como *Sepé Tiaraju, Romance dos Sete Povos das Missões*. Também lançou *O Mestiço de São Borja, Ana Sem Terra*, onde aborda a questão agrária, e *Nos céus de Paris* - romance da vida de Santos Dumont.

No campo da não-ficção, Centeno propõe a lembrança de mais dois nomes que passaram a escrever livros a partir do jornalismo. Klécio Santos, 57 anos, nasceu em Porto Alegre, mas teve em Pelotas sua formação, com passagem pelo Diário Popular, surgido em 1890 e

referência do jornalismo no Sul do Estado até encerrar suas atividades em 2024. O tema de Klécio é o patrimônio histórico, tão afinado com a herança cultural da cidade.

O próprio Ayrton Centeno merece ser citado e lido. Começou com as biografias do poeta simbolista Alceu Wamosy e de Henrique Roessler, fundador da União Protetora da Natureza (UPN), primeira ONG ambientalista do Brasil. Sempre repórter, encarou o livro como uma plataforma para grandes reportagens. Foi assim com *Os Vencedores*, calhamaço de 850 páginas onde enfileira perfis e transita pela resistência armada ou desarmada contra a ditadura militar (1964-1985) e, nos anos 2000, a vitória e a chegada ao poder daquela mesma geração. Outro destaque é *Em Primeira Terra*, onde o tema é a reforma agrária. Ao lado de outros pelotenses, também participou de quatro volumes sobre a história recente da cidade, o último deles o *Almanário de Pelotas*, que mistura almanaque e calendário.

Academia e Centro Literário

A Academia Pelotense de Letras tem 40 acadêmicos titulares e 20 honorários. Foi fundada em 1999. O último a entrar foi o professor do curso de direito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), o magistrado Marcelo Malizia Cabral. Conforme o presidente da Academia, professor Moacir Cardoso Elias, Cabral recebeu a honraria em reconhecimento à sua significativa contribuição às letras e à cultura de Pelotas.

Ele diz que o seu grande objetivo é fomentar a produção literária e cultural, valorizando a escrita e a ação cultural. "Pelotas é um centro de criação e, assim, vamos crescendo, revelando verdadeiros gênios da escrita".

Outro destaque da vida cultural da cidade é o Centro Literário Pelotense - Clipe. Os objetivos básicos da entidade são divulgar e ampliar a leitura de livros, poemas, prosas, quadras e contos de todos os escritores da cidade. Marca presença na Feira do Livro de Pelotas, um dos marcos culturais do município, e organiza periodicamente Sarau do Clipe, além da Ciranda Poética. Fundado em 31 de outubro de 1987, o Clipe celebrou em 2025 o seu 38º aniversário, consolidado como fomentador e guardião do espírito literário da Atenas Riograndense.



Eugenio Bortolon, 73 anos, jornalista ainda atuante. Ex-Correio do Povo, Zero Hora, Correio Braziliense, Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba, freelancer no O Globo, Estado de Minas, Jornal de Brasília, Placar, Manchete Esportiva, Grupo Bloch, Atualmente é colaborador do site Brasil de Fato e da Rede Estação Democracia (RED).